

## PROPAGAÇÃO VEGETATIVA DA AROEIRA PARA PALANQUES VIVOS: RESULTADOS PRELIMINARES

Amilton João Baggio\*  
Odete Bertol Carpanezzi\*\*  
Maria Elisa C. Graça\*\*\*

### RESUMO

Os resultados de um ensaio de campo demonstraram a viabilidade da aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi) para a formação de cercas vivas. Foram testadas três classes de diâmetro, 40 estacas de 1,5 m de altura para cada classe, plantadas no espaçamento de 2,0 m x 2,0 m. Metade das estacas sofreram incisões na casca (1,0 cm, 10 cm e 20 cm da base) para verificação do seu efeito no enraizamento. Apesar do pegamento ter sido baixo (12%) constatou-se o potencial da espécie para esta prática, além da tendência das injúrias em beneficiar o enraizamento. Recomenda-se o seguimento das pesquisas, testando diferentes épocas do ano.

PALAVRAS-CHAVE: Cercas vivas, *Schinus terebinthifolius*.

### 1. INTRODUÇÃO:

A utilização de palanques vivos (árvores) para a fixação de arame é pouco comum no Brasil, ao contrário de muitos países, especialmente nos trópicos, onde já foram registradas estas práticas com mais de 500 espécies. Para a formação de cercas vivas, embora não seja requisito indispensável, são preferidas espécies que se propagam por estacas de grande porte, o que viabiliza a utilização precoce da planta como palanque vivo. Nesse caso, o arame pode ser fixado assim que a estaca enraíze, normalmente em 3 a 6 meses, dependendo da espécie. Outro atributo recomendável das espécies é que possuam potencial para múltipla utilização e rebrotem, permitindo a exploração periódica da copa.

A aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi) apresenta estas características desejáveis (SANCHOTENE 1985) e é utilizada em cercas no meio rural. Ocasionalmente, podem ser encontradas árvores antigas que foram, inicialmente, estabelecidas como moirões. Esta é uma espécie muito utilizada para esse fim, devido à sua durabilidade no solo. Entretanto, nem todas as estacas lenhosas de aroeira enraizam e há necessidade de mais estudos para este tipo de propagação.

O presente trabalho foi conduzido com o objetivo de obter informações sobre o comportamento da aroeira na propagação a partir de estacas grandes.

---

\* Eng.-Florestal, M.Sc., CREA n° 4194/D, Pesquisador da EMBRAPA - Centro Nacional de Pesquisa de Florestas.

\*\* Eng. -Agrônomo, B.S., CREA n° 13.788/D, Pesquisador do Instituto de Terras, Cartografia e Florestas/PR

\*\*\* Eng.-Agrônomo, Ph.D., CREA n° 4659/D, Pesquisador da EMBRAPA - Centro Nacional de Pesquisa de Florestas.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

O experimento foi realizado em Colombo-PR (latitude 25°20'S, longitude 49°14'W, altitude 920 m). O clima da região é da variedade Cfb Koeppen (temperado sem estação seca). O solo é classificado como Cambissolo, com horizonte A proeminente, textura franco argilosa, pH 5,5 e de baixa fertilidade.

As estacas foram coletadas em um único sítio, próximo ao local do experimento, no mês de agosto de 1987, oriundas de árvores rebrotadas. Foram testadas três classes de diâmetro (A = 3 cm a 6 cm, B = 6 cm a 9 cm e C = 9 cm a 12 cm), utilizando-se 40 estacas de 1,5 m de altura, as quais foram plantadas aleatoriamente no campo. Metade das estacas sofreram incisões na casca, a 1 cm, 10 cm e 20 cm de sua base, para verificar o seu efeito no enraizamento de 2,0 m x 2,0 m, enterrando as estacas até 30 cm de profundidade.

Após 10 meses no campo, o experimento foi avaliado, considerando-se como indicador do enraizamento, as brotações emitidas pelas estacas que sobreviveram. Foram arrancadas apenas quatro destas estacas para verificação do tipo de enraizamento, mantendo as demais para estudos sobre o seu comportamento.

Apesar do enraizamento dos palanques de aroeira ter sido baixo (12%) isto pode não refletir o real potencial da espécie, uma vez que as condições adversas como a seca prolongada durante os meses de agosto e setembro, podem ter contribuído para a baixa porcentagem de estacas brotadas (Tabela 1).

Entre as estacas brotadas, 38% apresentavam brotações oriundas da região basal e algumas encontravam-se no início da brotação. Essas observações indicam que as más condições climáticas e edáficas tenham acarretado a morte da parte apical da estaca, deixando somente a região basal viva e estas emitiram as brotações, quando as condições tornaram-se propícias.

**TABELA 1. Percentagem de estacas de aroeira brotadas (e enraizadas) de diversos diâmetros com e sem incisões na casca.**

Diâmetro (cm)	Corte	% de estacas brotadas
3-6	com	22,5
	sem	7,5
6-9	com	12,5
	sem	0
9-12	com	12,5
	sem	17,5
Média		12,1

Estacas de menor e maior diâmetros apresentaram em torno de 30% de brotações e essas apresentaram maior desenvolvimento nas estacas de menor diâmetro, indicando que, possivelmente, o enraizamento, das mais grossas tenha

iniciado posteriormente.

Entre as estacas com incisão na base 47,5% apresentaram brotações enquanto que, entre aquelas sem incisão, apenas 25% brotaram. Isto pode ter sido devido ao transporte de substâncias estimuladoras do enraizamento como carboidratos e auxinas para a região da incisão, estimulando as células a se diferenciarem, formando calos e primórdios radiculares.

Outra hipótese é que a incisão tenha estimulado o enraizamento através da eliminação da barreira imposta pela casca. Entretanto, esta última é menos provável, visto que, nas amostras observadas, não foram observadas raízes emitidas naquela região.

#### **4. CONCLUSÕES**

Para maximizar o enraizamento de palanques vivos, o produtor deverá usar estacas de aroeira com diâmetros de 5 a 8 cm de diâmetro e formar a cerca viva gradativamente com a estacas que forem enraizando.

Estudos adicionais devem ser realizados para avaliar o enraizamento da espécie, com estacas cortadas na região basal. Estacas de diâmetros entre 3 cm a 6 cm, que aparentam possuir maior potencial de pegamento, devem ser testadas em outras épocas do ano.

#### **5. REFERÊNCIAS**

HOWES, F.W. Fence and barrier plants in warm climates. **Kew Bulletin of Miscellaneous Information**. 1946. p.51-87.

SANCHOTENE, M.C.C. **Frutíferas nativas úteis à fauna na arborização urbana**. Porto Alegre, Feplan. 1985. 311 p.